



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 23 de Dezembro de 2009

([Vídeo](#))

Queridos irmãos e irmãs!

Com a Novena de Natal, que estamos a celebrar nestes dias, a Igreja convida-nos a viver de modo intenso e profundo a preparação para o Nascimento do Salvador, já iminente. O desejo, que todos trazemos no coração, é que a próxima festa do Natal nos dê, no meio da actividade frenética dos nossos dias, serena e profunda alegria para nos fazer tocar com mão a bondade do nosso Deus e nos infunda renovada coragem.

Para compreender melhor o significado do Natal do Senhor, gostaria de fazer uma breve menção à origem histórica desta solenidade. De facto, o Ano litúrgico da Igreja não se desenvolveu inicialmente partindo do nascimento de Cristo, mas da fé na sua ressurreição. Por isso, a festa mais antiga da cristandade não é o Natal, mas a Páscoa; a ressurreição de Cristo funda a fé cristã, está na base do anúncio do Evangelho e faz nascer a Igreja. Por conseguinte, ser cristãos significa viver de modo pascal, fazendo-nos envolver no dinamismo que é originado pelo Baptismo e leva a morrer para o pecado para viver com Deus (cf. *Rm* 6, 4).

O primeiro que afirmou com clareza que Jesus nasceu a 25 de Dezembro foi Hipólito de Roma, no seu comentário ao Livro do profeta Daniel, escrito por volta de 204. Depois, alguns exegetas observam que naquele dia se celebrava a festa da Dedicção do Templo de Jerusalém, instituída por Judas Macabeu em 164 a.C. A coincidência de datas significaria então que com Jesus, que apareceu como luz de Deus na noite, se realiza deveras a consagração do templo, o Advento de Deus nesta terra.

Na cristandade a festa do Natal assumiu uma forma definitiva no século IV, quando substituiu a festa romana do "*Sol invictus*", o sol invencível. Assim foi evidenciado que o nascimento de Cristo é a vitória da verdadeira luz sobre as trevas do mal e do pecado. Contudo, a particular e intensa atmosfera espiritual que circunda o Natal desenvolveu-se na Idade Média, graças a São Francisco de Assis, que estava profundamente apaixonado pelo homem Jesus, pelo Deus-connosco. O seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano, na *Vida segunda* narra que São Francisco "acima de todas as outras solenidades celebrava com inefável solicitude o Natal do Menino Jesus, e chamava festa das festas ao dia no qual Deus, feito pequeno infante, se tinha amamentado num seio humano" (*Fontes Franciscanas*, n. 199, p. 492). Desta particular devoção ao mistério da Encarnação teve origem a famosa celebração do Natal em Greccio. Ela, provavelmente, foi inspirada em São Francisco pela sua peregrinação à Terra Santa e pelo presépio de Santa Maria Maior em Roma. O que animava o Pobrezinho de Assis era o desejo de experimentar de modo concreto, vivo e actual a humilde grandeza do acontecimento do nascimento do Menino Jesus e de comunicar a sua alegria a todos.

Na primeira biografia, Tomás de Celano fala da noite do presépio de Greccio de modo vivo e comovedor, oferecendo uma contribuição decisiva para a difusão da tradição natalícia mais bonita, a do presépio. De facto, a noite de Greccio voltou a dar à cristandade a intensidade e a beleza da festa do Natal, e educou o Povo de Deus para compreender a sua mensagem mais autêntica, o calor particular, e a amar e adorar a humanidade de Cristo. Esta particular aproximação ao Natal ofereceu à fé cristã uma nova dimensão. A Páscoa tinha concentrado a atenção sobre o poder de Deus que vence a morte, inaugura a vida nova e ensina a esperar no mundo que há-de vir. Com São Francisco e com o seu presépio eram postos em evidência o amor inerme de Deus, a sua humildade e a sua benignidade, que na Encarnação do Verbo se manifesta aos homens para ensinar um novo modo de viver e de amar.

Celano narra que, naquela noite de Natal, foi concedida a Francisco a graça de uma visão maravilhosa. Viu jazer imóvel na manjedoura um pequeno menino, que foi despertado do sono precisamente pela proximidade de Francisco. E acrescenta: "Nem esta visão discordava dos factos porque, por obra da sua graça que agia por meio do seu santo servo Francisco, o Menino Jesus foi ressuscitado no coração de muitos, que o tinham esquecido, e foi impresso profundamente na sua memória amorosa" (*Vida primeira, op. cit.*, n. 86, p. 307). Este quadro descreve com muita clareza quanto a fé viva e o amor de Francisco pela humanidade de Cristo transmitiram à festa cristã do Natal: a descoberta que Deus se manifesta nos membros frágeis do Menino Jesus. Graças a São Francisco, o povo cristão pôde compreender que no Natal Deus se tornou deveras o "Emanuel", o Deus-connosco, do qual não nos separa barreira nem distância alguma. Naquele Menino, Deus tornou-se tão próximo de cada um de nós, tão próximo, que podemos chamá-lo por tu e manter com ele uma relação confidencial de afecto profundo, assim como fazemos com um recém-nascido.

De facto, naquele Menino manifesta-se Deus-Amor: Deus vem sem armas, sem a força, porque

não pretende conquistar, por assim dizer, de fora, ao contrário, deseja ser acolhido pelo homem em liberdade; Deus faz-se Menino inerme para vencer a soberba, a violência e a ambição de posse do homem. Em Jesus, Deus assumiu esta condição pobre e desarmante para nos vencer com o amor e nos guiar à nossa verdadeira identidade. Não devemos esquecer que o título maior de Jesus Cristo é precisamente o de "Filho", Filho de Deus; a dignidade divina é indicada com uma palavra, que prolonga a referência à humilde condição da manjedoura de Belém, mesmo correspondendo de modo único à sua divindade, que é a divindade do "Filho".

A sua condição de Menino indica-nos, além disso, como podemos encontrar Deus e gozar da Sua presença. É à luz do Natal que podemos compreender as palavras de Jesus: "Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no reino dos céus" (*Mt 18, 3*). Quem não compreendeu o mistério do Natal, não entendeu o elemento decisivo da existência cristã. Quem não acolhe Jesus com coração de criança, não pode entrar no reino dos céus: foi isto que Francisco quis recordar à cristandade do seu tempo e de todos os tempos, até hoje. Rezemos ao Pai para que conceda ao nosso coração aquela simplicidade que reconhece no Menino o Senhor, precisamente como fez Francisco em Greccio. Então, poderia acontecer também a nós quanto Tomás de Celano – referindo-se à experiência dos pastores na Noite Santa (cf. *Lc 2, 20*) – narra a propósito de quantos estiveram presentes no acontecimento de Greccio: "Cada um regressou à própria casa repleto de alegria inefável" (*Vida primeira, op. cit., n. 86, p. 479*).

São estes os votos que formulo com afecto a todos vós, às vossas famílias e a quantos vos são queridos. Bom Natal a todos vós!

Saudação

Amados peregrinos de língua portuguesa, a todos desejo um Santo Natal, portador das consolações e graças do Deus Menino, a quem vos encomendo ao dar-vos a minha Bênção.

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana